



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CATHARINA MAIA CAETANO

**ASPECTOS QUILOMBISTAS NA UNILAB: UMA REFLEXÃO
A PARTIR DAS ESCREVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES
AFRICANOS/AS E AFRO-BRASILEIROS/AS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CATHARINA MAIA CAETANO

**ASPECTOS QUILOMBISTAS NA UNILAB: UMA REFLEXÃO
A PARTIR DAS ESCRIVÊNCIAS DE ESTUDANTES
AFRICANOS/AS E AFRO-BRASILEIROS/AS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Bas'illele Malomalo.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

CATHARINA MAIA CAETANO

**ASPECTOS QUILOMBISTAS NA UNILAB: UMA REFLEXÃO
A PARTIR DAS ESCREVIVÊNCIAS DE ESTUDANTES
AFRICANOS/AS E AFRO-BRASILEIROS/AS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 04 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bas'llele Malomalo (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Profa. Dra. Bárbara Carine Soares Pinheiro (Examinadora)

Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Alexandra Gouvêa Dumas (Examinadora)

Universidade Federal da Bahia

Você pode me inscrever na história
Com as mentiras amargas que contar
Você pode me arrastar no pó,
Ainda assim, como pó, vou me levantar
[...]
Das choças dessa história escandalosa
Eu me levanto
De um passado que se ancora doloroso
Eu me levanto
Sou um oceano negro, vasto e irrequieto
Indo e vindo contra as marés eu me elevo
Esquecendo noites de terror e medo
Eu me levanto
Numa luz incomumente clara de manhã
cedo
Eu me levanto
Trazendo os dons dos meus
antepassados
Eu sou o sonho e as esperanças dos
escravos
Eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto!

Maya Angelou ("Still I Rise")

SUMÁRIO

1	JUSTIFICATIVA	06
2	PROBLEMA DA PESQUISA	07
3	HIPÓTESE	10
4	OBJETIVOS	10
4.1	OBJETIVO GERAL	10
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
5.1	UNILAB: UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO	11
5.2	A FILOSOFIA QUILOMBISTA COMO MOVIMENTO POLÍTICO	16
5.3	CONCEITUANDO ESCREVIVÊNCIA	18
6	METODOLOGIA	19
6.1	ABORDAGEM E MÉTODO	19
6.1.1	Pesquisa bibliográfica	20
6.1.2	Pesquisa documental	21
6.1.3	Pesquisa de campo	21
6.2	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	22
7	CRONOGRAMA	23
	REFERÊNCIAS	24

1 JUSTIFICATIVA

“A nossa *escrivivência* não pode ser lida como história de ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”.

Conceição Evaristo (2007, p. 21)

A justificativa desta pesquisa parte da experiência pessoal da pesquisadora, enquanto mulher negra brasileira e estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

O Brasil é um país estruturalmente racista, e por ser um processo estrutural, esse racismo é também histórico, tendo em vista a nação brasileira ter sido a segunda maior nação escravagista (em aspectos territoriais) da era moderna e o penúltimo país do mundo ocidental a abolir a escravização formal, dentre muitos outros fatores.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. [...] Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo *racismo é regra e não exceção*. O racismo é parte de um processo social que ‘ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição’ (ALMEIDA, 2018, p. 38).

Assim, esse racismo estruturante da sociedade brasileira tende a negar a humanidade de pessoas negras, diminuir suas autoestimas e perspectivas de si. Para a pesquisadora, que afetada pelo racismo e sexismo, cresceu com dificuldades em se reconhecer enquanto mulher negra, a UNILAB trouxe oportunidades de novas descobertas e identificação. O contato com outras culturas, com outras epistemologias, com outras línguas, com outras manifestações artísticas, com grupos de afeto, numa perspectiva afrocêntrica, ajudara uma jovem de 17 anos que alisava o cabelo com produtos químicos, para tentar escapar de ouvir as velhas frases que a acompanhara por toda infância: “cabelo ruim”, “cabelo de Bombril”; a se tornar uma mulher de 23 anos, com sua bela madeixa cacheada natural, com consciência de raça, gênero e classe.

Dado importante impacto do acolhimento, da interculturalidade, do projeto político-pedagógico encontrados na UNILAB pela pesquisadora, quando na condição de estudante, surgiu a necessidade de pesquisar de forma elaborada se podem ser encontrados aspectos quilombistas em vivências como as experimentadas pela

pesquisadora, e se a UNILAB tem causado e/ou causa algum impacto positivo para outros/as estudantes negros/as africanos/as e brasileiros/as.

O quilombismo pensado por Abdias do Nascimento é um projeto político dos/das negros/as brasileiros/as para os/as negros/as brasileiros/as. Dessa forma, os aspectos desse movimento têm pretensão na construção do empoderamento negro e na construção de uma identidade social e filosófica afrocentrada e antirracista. Sendo assim, identificar aspectos quilombistas em ações ou vivências entre os/as estudantes da UNILAB, torna-se de muita importância para a luta contra o racismo estrutural brasileiro.

Por isso, partir das escrituras de outros/as estudantes contribuirá para uma pesquisa mais aprofundada, fazendo com que esta pesquisa possa se tornar um material bibliográfico a ser consultado no campo das ciências humanas. Além disso, a pesquisa será elaborada numa linguagem textual simples e acessível, para que possa ser divulgada também na comunidade externa, podendo ajudar outras “Catharinas” a se descobrirem e se entenderem nessa sociedade excludente e racista.

Que as escrituras que serão trazidas nesta pesquisa, sejam um incômodo para o racismo.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), aprovada como Lei Federal em 2010, carrega um significado histórico e cultural no contexto da expansão da educação superior brasileira, objetivando a interiorização do ensino, como também, a promoção da cooperação solidária entre os países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

A UNILAB é uma universidade multicampi que recebe estudantes brasileiros/as e estudantes oriundos/as dos países parceiros: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial e Timor-Leste. Sendo seus campi denominados: Liberdade e Auroras, no município histórico Redenção¹,

¹ O município de Redenção foi pioneiro na libertação dos escravos em janeiro de 1883, cinco anos antes da Lei Áurea (assinada em 13 de maio de 1888 pela princesa Isabel).

Palmares, no município de Acarape, localizados no estado do Ceará; além do campus dos Malês, no município de São Francisco do Conde², no estado da Bahia.

Comporta atualmente 6.529 estudantes de cursos presenciais e de ensino à distância (EAD) nas modalidades de graduação e pós-graduação. Sendo 2.616 estudantes brasileiros/as de cursos EAD, e 3.976 estudantes brasileiros/as e internacionais (estrangeiros/as) matriculados nos cursos presenciais de graduação. Nos cursos presenciais, 2.942 estudantes são brasileiros e 1.034 são internacionais: Angola (180), Cabo Verde (83), Moçambique (37), Guiné Bissau (628), São Tomé e Príncipe (78) e Timor Leste (28). Nos cursos EAD, encontram-se na graduação 752 estudantes brasileiros/as e na pós-graduação *latu sensu* 1.694 estudantes brasileiros/as. Nos três cursos de pós-graduação *stricto sensu*, dentro do número absoluto de 104 estudantes matriculados/as, 99 são brasileiros/as e 5 são guineenses. Quanto ao quadro de docentes são um total de 277, sendo 242 brasileiros/as e 21 professores/as estrangeiros/as, dos quais 19 são africanos/as dos PALOP (MALOMALO; LOURAU; SOUZA, 2018, p. 518; UNILAB, 2019).

Nesse contexto, a UNILAB fomenta o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional do Brasil com os países lusófonos e, em particular, com o continente africano, se assentando em um projeto político-pedagógico inovador (SPELLER, s.d).

A partir deste plano político de cooperação internacional, e de um projeto político-pedagógico diferenciado, surge o relevante interesse em identificar na UNILAB aspectos da filosofia quilombista, pensada principalmente por Abdias do Nascimento (2009), visto que a universidade em estudo proporciona um ambiente propositalmente intercultural, pensado teoricamente em receber 50% de estudantes estrangeiros/as (de maioria de países africanos), e 50% de brasileiros/as, com cotas para negros/as, indígenas, quilombolas e pobres, vistas aqui como conquistas históricas da população (MALOMALO; LOURAU; SOUZA, 2018).

O quilombismo, segundo Abdias do Nascimento, propõe um legado dos quilombos existentes no período escravagista, como referência básica de uma proposta de mobilização política da população afrodescendente com base na sua própria experiência histórica e cultural. Vai além, e articula uma proposta de práxis

² O município de São Francisco do Conde é considerado o município de maior população negra (maior que 90%) declarada no censo, localizado no Recôncavo Baiano, região que foi palco de importantes manifestações de resistência negra no período escravocrata.

afro-brasileira, de epistemologias afrocêntricas para o Estado nacional contemporâneo, que resultaria num Brasil multiétnico e pluricultural (NASCIMENTO, 2009).

Para identificar se essa práxis afro-brasileira acontece de alguma forma na UNILAB, é que surge a ideia de se usar a escrevivência, conceito delineado por Conceição Evaristo, como um ponto de partida para reunir e analisar as experiências dos/as estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as. A escrevivência, segundo Evaristo (s.d), consistiria, portanto, numa escrita de sujeitos negros, que ao falarem a partir de suas individualidades, falam também pelo coletivo, e ao falarem do coletivo, refletem em si mesmos.

As práxis afro-brasileiras que se pretende investigar são elaboradas por docentes e discentes da UNILAB e se encontra espalhadas dentro dessas outras ações:

- (1) Projetos Políticos de Bacharelado em Humanidades³ e Curso de Pedagogia⁴. Interessa-se dialogar com os/as docentes que lecionaram ou lecionam disciplinas com conteúdo afrocêntricos;
- (2) Grupos de pesquisas⁵ e de extensão⁶ assentes nas filosofias africanas e afro-brasileiras com diálogo explícito ou implícito com o quilombismo;
- (3) Associações, coletivos e grupos formais e informais de estudantes com foco explícito ou implícito no quilombismo ou outras filosofias africanas: Coletivo das Mulheres Africanas (CMA); Associação de Estudantes e Amigos da África (ASEA); grupos informais de pan-africanismo, de Mulheres e LGBTs.

Considerando os argumentos expostos, este projeto parte dos seguintes questionamentos: Quais aspectos que fundamentam o quilombismo podem ser encontrados na UNILAB, considerando que esta carrega um título de universidade afro-brasileira? Será que as escrevivências dos/as estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as da UNILAB, em relação ao ingresso à universidade, podem apontar aspectos quilombistas e formas de resistências negras? De que forma e medida essas escrevivências cruzam com os aspectos e princípios do quilombismo?

³ Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/cursos-de-graduacao/humanas/>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/pedagogia-licenciatura/>>.

⁵ Disponível em: <<http://proppg.unilab.edu.br/>>.

⁶ Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/extensao-males/>>.

3 HIPÓTESE

Sendo a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) uma instituição de ensino superior que nominalmente se intitula afro-brasileira, pressupõe-se que nela se encontrem aspectos epistemológicos afrocêntricos, seja no plano político-pedagógico, seja no plano de sociabilidade.

Assim, partir das experiências de vida dos/as estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as, na forma de escrituras, seja de modo coletivo ou individual, pode ser um caminho para identificar esses aspectos fundamentados em epistemologias afrocêntricas, que também são aspectos que fundamentam o movimento quilombista.

Desta forma, as escrituras dos/as estudantes mostrarão de que maneira a UNILAB propicia algum ambiente antirracista que vai na contramão da sociedade estruturalmente racista, mesmo que se tenham algumas contradições, mas que pode servir de espaço de acolhimento e resistência para pessoas negras historicamente desumanizadas e maltratadas pelo racismo.

Portanto, ainda que a UNILAB não seja uma instituição criada pelo movimento político quilombista, ela nasce não só do contexto de cooperação solidária, mas também do forte apelo de movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado (MNU), e por isso, se espera encontrar aspectos da filosofia quilombista, principalmente, nas organizações estudantis de resistência negra, africana, afro-diaspórica, afro-brasileira, seja com ou sem o apoio e fomento de docentes negros/as que trabalhem a partir de uma perspectiva afrocêntrica.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Sendo a UNILAB um projeto político pedagógico que se quer inovador e decolonial, essa pesquisa pretende investigar as diversas formas de resistências negras - africanas e afro-brasileiras - que comportam aspectos do quilombismo no campo da educação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear os diferentes grupos e coletivos da UNILAB que usam de forma explícita ou implícita a práxis do quilombismo;
- Analisar de que forma os coletivos de estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as se apropriam do quilombismo ou outras formas de filosofia coletiva africana para a sua (r)existência coletiva e individual;
- Averiguar se os/as negros/as ativistas, envolvidos/as em movimentos, grupos e coletivos veem a UNILAB como um quilombo ou um espaço africano e/ou afro-brasileiro de educação;
- Analisar de que forma discentes e docentes da UNILAB praticam o quilombismo e a escrevivência em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 UNILAB: UM PROJETO DE INTEGRAÇÃO

As estratégias de política externa de um país podem ser modeladas por sua história ou pela representação que os governantes no poder fazem do sistema internacional. O Brasil, até como característica do BRICS⁷, se usa do multilateralismo, ou seja, a ação conjunta dos países no sistema internacional, para tratar de sua política externa, na forma de cooperação. O termo cooperação, nasce após a Segunda Guerra Mundial, condicionado à bipolarização do mundo em Norte (países liderados pelos Estados Unidos capitalista) e Sul (países liderados pela União Soviética socialista), no sentido de que os países “subdesenvolvidos” necessitavam de “ajuda” dos países do Norte para saírem do atraso e da miséria, alcançando o “progresso” (ULLRICH; MARTINS; CARRION, 2013).

Historicamente, de acordo com Lima e Contel (2009), tanto a educação quanto a internacionalização da educação superior no Brasil estão fortemente atreladas ao

⁷ O **BRICS** é um agrupamento econômico atualmente composto por cinco países considerados emergentes: **B**rasil, **R**ússia, **I**ndia, **C**hina e **A**frica do **S**ul.

Estado (como instância definidora de políticas, responsável pelo financiamento e regulação) e à participação das universidades públicas e institutos de pesquisa por ele mantidos. Consequentemente, a concretização dos primeiros programas de cooperação internacional dependeu da criação das universidades e da vontade política dos governantes.

Estima-se que a inauguração da política de cooperação internacional no Brasil ocorreu nos anos 1930, ocasião em que os governos federal e estadual criaram quatro ‘universidades sucedidas’: Universidade Federal do Rio de Janeiro (1920), Universidade Federal de Minas Gerais (1928), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1934) e Universidade de São Paulo (1934) (ROSSATO, 1998, p. 197). Desde então, convencidos de que as possibilidades de desenvolvimento de uma nação soberana também dependem de progressivos investimentos na formação de recursos humanos e no fomento da ciência e da tecnologia, o Governo brasileiro (no contexto de regimes democráticos ou não), por meio de ações combinadas entre os Ministérios da Educação (MEC), Relações Exteriores (MRE), Ciência e Tecnologia (MC&T) tem atuado como importante provedor do processo de internacionalização da educação, da ciência e da tecnologia (RIBEIRO, 1991).

Em meados dos anos 1960 se propõe uma nova forma de cooperação. A Cooperação Sul-Sul (CSS), que se estabelece nos anos 1970. Esse modelo de cooperação é uma articulação política entre os países do Sul vinculada às necessidades desses países em equilibrar os efeitos perversos das relações históricas de cooperação Norte-Sul. Após a Guerra Fria, durante o mandato do Presidente Collor, o Brasil se apresenta de duas maneiras no cenário de política externa: de forma hemisférica-bilateral, para manter suas relações com os Estados Unidos, e de forma global-multilateral, na intenção de relacionar-se com outros países emergentes na África, Ásia, Oriente Médio e América do Sul, no intuito de reposicionar-se como “potência média e nação emergente que precisa de uma diplomacia de alto perfil adequada a suas capacidades e necessidades” (ULLRICH; MARTINS; CARRION, 2013).

Vê-se que essa articulação permaneceu nos governos Lula e Dilma. Desde que assumiu a presidência do Brasil em 2003, Lula buscou aderir às normas e princípios internacionais por meio de alianças Sul-Sul, como também continuou a manter diálogos com países desenvolvidos na Europa e com os Estados Unidos da América. Assim, a cooperação estabelecida pelo Brasil com o continente africano, em especial,

é diferenciada do modelo de cooperação Norte-Sul, pois é baseada nos princípios da horizontalidade e de não interrupção nos assuntos internos dos países (ULLRICH; MARTINS; CARRION, 2013).

Sob a perspectiva de internacionalização do ensino, em 2008 o Governo Federal brasileiro divulgou a intenção de desenvolver uma ambiciosa política de internacionalização ativa (capaz de atrair acadêmicos internacionais), com a criação de três universidades públicas federais: Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Universidade Federal da Integração da Amazônia Continental (UNIAM) e da Universidade Federal de Integração Luso-Afro-Brasileira (UNILAB), pensadas para serem de natureza supranacional, comprometidas com a promoção da inclusão social e da integração regional por meio do conhecimento e da cooperação solidária, que estariam integradas à rede de universidades federais de educação superior da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), objetivando a expansão do ensino superior no território nacional com perspectivas de âmbito global e a promoção de diálogos interculturais nos planos econômico, político e de ensino (SUBUHANA; IMAPANTA, 2016).

A implementação da UNILAB, portanto, corresponde a um período em que iniciativas diversas de inclusão social e políticas afirmativas foram estimuladas, propiciando uma melhoria da distribuição de renda, o que tem sido associado à emergência de uma nova classe média. Neste contexto, tem se destacado não apenas o crescimento do consumo de bens econômicos, como também de bens culturais. A ampliação do acesso à educação superior é parte deste movimento, onde a aspiração pela universidade passa a integrar o imaginário de famílias antes pertencentes aos setores mais pobres da população. Tal contexto é também marcado pela forte presença dos movimentos sociais no Brasil que cada vez mais incluem o acesso e a permanência à educação superior como uma das suas pautas de lutas (GOMES; VIEIRA, 2013).

A Comissão de Implementação da UNILAB foi instituída pela portaria MEC/Secretaria de Educação Superior (SESu), no 712, de 9 de outubro de 2008, prorrogada por 180 dias pela portaria MEC/SESu no 1.110, de 29 de julho de 2009. Compuseram essa comissão: membros do governo, da SEPPIR, do MEC, do Ministério das Relações Exteriores (MRE), da sociedade civil, do movimento negro, das universidades públicas e das agências internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (MALOMALO; LOURAU; SOUZA, 2018, p. 532).

A UNILAB foi criada com a Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, com a missão institucional específica de formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

Lei nº 12.289:

Art. 2º A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

§ 1º A Unilab caracterizará sua atuação pela cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da CPLP, especialmente os países africanos, pela composição de corpo docente e discente proveniente do Brasil e de outros países, bem como pelo estabelecimento e execução de convênios temporários ou permanentes com outras instituições da CPLP (BRASIL, 2010).

Para Speller (s.d), conseqüentemente, o objetivo da UNILAB seria tornar-se a principal instituição de ensino superior no espaço da lusofonia, servindo, desta forma, de elemento agregador e integrador de toda a comunidade lusófona. Mais do que um projeto brasileiro *para* África e Timor-Leste, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), representa um projeto lusófono *com* África e Timor-Leste.

Contudo, para Malomalo (2015) a UNILAB nasceu num contexto de redefinição da política externa brasileira pelos governos Lula (2003-2010), com ênfase na cooperação Sul-Sul fundamentada no princípio da solidariedade. A aproximação do governo Lula com a África, portanto, deve ser interpretada sob a ótica que leva em conta o diálogo com o movimento negro e o crescimento daquele continente no início do século XXI. Essa aproximação foi se dando de forma gradativa, e não somente com Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), mas com o continente na sua totalidade, visando satisfazer os interesses do seu governo e do seu país (MALOMALO, 2015; SOUZA; MALOMALO, 2016).

À criação da UNILAB, Lula chamou de “pagamento de uma dívida histórica” para com os/as africanos/as e seus/as descendentes e, para ele, essa dívida não poderia ser paga com dinheiro, mas com “solidariedade” (INSTITUTO LULA, 2013; SILVA, 2010b). Este termo, cooperação solidária, vem sendo

muito usado no contexto da política externa brasileira desenvolvida, principalmente pelo governo Lula, para sinalizar as ações de cooperação internacional com os países do Sul não atreladas às condicionalidades, nem interesses econômicos (MALOMALO; LOURAU; SOUZA, 2018, p. 531).

Apesar de assumir a ideia de projeto integrador e de cooperação solidária, se pode observar que a UNILAB em números não cumpre a política de paridade no acesso dos/as estudantes dos países parceiros a que se propõe em suas diretrizes: a lei determina 50% das vagas disponibilizadas para os/as estudantes brasileiros/as e 50% para os/as estudantes dos países parceiros (UNILAB, 2010, p. 10)

Além disso, a UNILAB está inserida numa sociedade estruturalmente racista, e por isso, não se pode negar a incidência de atos de racismo, discriminação e preconceito. Porém, o que infelizmente foi observado por Souza e Malomalo (2016), no contexto do Maciço de Baturité, onde a UNILAB tem três dos seus quatro campi, é que há uma certa negligência institucional diante de casos de violências, ameaças e intimidações feitas por moradores e até mesmo por estudantes, em face, principalmente de estudantes africanos/as.

O racismo mina o poder de criação de uma sociedade mais justa, equânime, multicultural e multirracial. O seu descuido, da parte da UNILAB, dificulta o cumprimento da sua missão institucional: a integração dos povos e de suas nações a partir do princípio da cooperação solidária internacional (SOUZA; MALOMALO, 2016, p. 288-289).

Todo esse contexto social-institucional, conseqüentemente, propicia o surgimento de articulações individuais e coletivas de resistência negra. Dessa forma, é necessário o mapeamento de ações individuais e/ou coletivas, de grupos e estudantes africanos e afro-brasileiros que pensem em formas de driblar essas contradições e que se aproveitem, de alguma maneira, também dos aspectos pautados em abordagens afrocêntricas e afro-brasileiras que a UNILAB possa proporcionar.

Nessa perspectiva, alguns grupos, coletivos e associações podem ser apontados, como por exemplo: Afro-Unilab (grupo de crespas e cacheadas da UNILAB), RIMA (Rede Internacional das Mulheres Africanas), que atuam nos campi localizados no Ceará; e CMA (Coletivo de Mulheres Africanas), ASEA (Associação de Estudantes e Amigos da África), grupos informais pan-africanistas, que atuam no campus localizado na Bahia; assim também como o Enegrecer (Coletivo Nacional da

Juventude Negra), e outros grupos informais de mulheres e LGBTs, que atuam em todos os campi.

5.2 A FILOSOFIA QUILOMBISTA COMO MOVIMENTO POLÍTICO

O quilombismo, segundo Abdias do Nascimento, consistiria num “movimento político dos negros brasileiros” capaz de mobilizar disciplinadamente o povo afro-brasileiro “por seu profundo apelo psicossocial, cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros”. Assim, seria uma práxis afro-brasileira (NASCIMENTO, 2009).

O termo quilombismo surge apoiado na ideia do que foram os quilombos brasileiros formados durante o período escravocrata. Na chamada “história oficial” do Brasil, impressa nos livros didáticos usados por muito tempo nas escolas brasileiras, se faz acreditar que o período escravocrata foi aceito pacificamente pelos povos africanos capturados e escravizados na terra do pau-brasil. Contudo, conforme Munanga e Gomes (2016), uma das formas de resistência negra (processo de luta e organização negra) foi a formação dos quilombos.

A formação dos quilombos no Brasil, assim como nos demais países em que o escravismo moderno existiu, foi se configurando como afirmação da luta contra o escravismo e as condições em que os escravizados viviam. Assim, os quilombos marcaram todo o período escravocrata e existiram em praticamente todo território nacional brasileiro (MOURA, 1993).

É no final do século XIX que o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. Sua mística vai alimentar o sonho de liberdade de milhares de escravos das plantações em São Paulo, mais das vezes através da retórica abolicionista (NASCIMENTO, 2006, p. 122).

O quilombismo de Abdias do Nascimento, busca, portanto, definir justamente o novo papel político que o termo histórico quilombo deveria receber. Destarte, o quilombismo pode ser considerado como toda forma de resistência física e cultural da população negra, tenha ela sido criada na formação dos quilombos originais na época da escravidão, ou tenha sido a partir de um conjunto de significações mais amplo, na forma de todo e qualquer grupo tolerado pela ordem dominante, em função de suas afirmadas finalidades religiosas, recreativas, educativas, beneficentes, esportivas etc.

Dessa forma, todos esses grupos teriam um importante papel social para o povo afro-brasileiro, pois se apoiariam no foco de dar continuidade às tradições africanas como forma de resistência negra. Por isso, mesmo que esses grupos e instituições sejam legalizados pela sociedade dominante, ainda assim poderiam e podem ser considerados como quilombo (NASCIMENTO, 2009).

Segundo Abdias do Nascimento (2009), alguns dos princípios e propósitos do quilombismo são:

1. O quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no País.

2. O Estado Nacional Quilombista tem sua base numa sociedade livre, justa, igualitária e soberana. O igualitarismo democrático quilombista é compreendido no tocante a sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, condição racial, situação econômica, enfim, todas as expressões da vida em sociedade. O mesmo igualitarismo se aplica a todos os níveis do Poder e de instituições públicas e privadas.

3. A educação e o ensino em todos os graus – elementar, médio e superior – serão completamente gratuitos e abertos sem distinção a todos os membros da sociedade quilombista. A história da África, das culturas, das civilizações e das artes africanas terão um lugar eminente nos currículos escolares. Criar uma Universidade Afro-Brasileira é uma necessidade dentro do programa quilombista.

4. Visando o quilombismo a fundação de uma sociedade criativa, ele procurará estimular todas as potencialidades do ser humano e sua plena realização. Combater o embrutecimento causado pelo hábito, pela miséria, pela mecanização da existência e pela burocratização das relações humanas e sociais, é um ponto fundamental. As artes em geral ocuparão um espaço básico no sistema educativo e no contexto das atividades sociais.

5. No quilombismo não haverá religiões e religiões populares, isto é, religião da elite e religiões do povo. Todas as religiões merecem igual tratamento de respeito e de garantias de culto.

6. A revolução quilombista é fundamentalmente antirracista, anticapitalista, antilatifundiária, anti-imperialista e antineocolonialista.

7. O Brasil é signatário da Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1965. O quilombismo contribuirá para a pesquisa e a elaboração de formas

e estratégias para utilização dessa Convenção e de outros dispositivos do direito internacional para combater o racismo, colaborando em especial com o Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial das Nações Unidas.

5.3 CONCEITUANDO ESCREVIVÊNCIA

Militante do movimento negro e com intensa participação em movimentos sociais, a escritora e pesquisadora brasileira Conceição Evaristo cunhou o conceito de escrevivência em 1995, a partir das palavras “escrever” e “viver” (CABRAL, 2018). Este conceito consistiria, em síntese, como “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo”⁸.

Na obra *Becos da Memória* (2017), Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, ‘as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas’. Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade (SOARES; MACHADO, 2017, p. 27).

A História das pessoas negras no Brasil, construída sob um sistema de forças coloniais que caracterizaram e ainda caracterizam a constituição identitária do país, ocupa uma posição subalternizada em relação às narrativas sobre conhecimento, principalmente quando analisada a produção escrita nacional (CRUZ, 2017). Por isso, “a literatura negra toma como parte do **corpus** a História do povo negro vivida e interpretada do ponto de vista negro, propondo uma leitura transgressora da História oficial e escrevendo a história dos *dominados*” (EVARISTO, s.d, p. 7).

Evaristo (s.d, p.6) ressalta que “a literatura negra tem o negro como protagonista do discurso e no discurso”. Logo, a sua escrita é parte da própria vivência e a de muitos outros irmãos da diáspora. Desse modo, Evaristo (s.d), baseada em Orlandi (1988), conclui que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, s.d, p.7).

Escrevivência tem a ver, portanto, com autobiografia, com a ideia de “escrita de si”, de sujeitos que foram desumanizados pelas estruturas coloniais e racistas.

⁸ Citação retirada do texto de apresentação da 34ª edição do programa Ocupação Itaú Cultural, que homenageou Conceição Evaristo em 2017.

6 METODOLOGIA

6.1 ABORDAGEM E MÉTODO

No concernente à pesquisa científica, é importante salientar que "o método é a alma da teoria" (LÊNIN, 1965 apud MINAYO 1994). Assim, torna-se de extrema importância pensar quais os melhores métodos que contribuirão para o alcance dos resultados esperados. De tal modo, para a realização da parte que corresponde a pesquisa teórica, este trabalho se valerá de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. Assim como, pesquisa de campo como parte da investigação científica para responder questões que as modalidades de pesquisa teórica não abrangem.

Os dados que esta pesquisa pretende coletar serão de ordem qualitativa. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994), consiste naquela que responde a questões muito particulares, e se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, trabalhando com um universo de "significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 1994).

Dessa forma, a pesquisa proposta por este projeto será de natureza qualitativa básica ou genérica que, segundo Teixeira (2003), inclui descrição, interpretação e entendimento; identifica padrões recorrentes na forma de temas ou categorias e pode delinear um processo.

Tendo em vista que o curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU) permite aprendizados que conversem com diversas disciplinas, assim também, a futura pesquisa pretende adotar uma abordagem interdisciplinar dentro do campo das Ciências Humanas, considerando epistemologias negras no campo da filosofia africana, afro-diaspórica, sociologias, literatura negra e afro-brasileira para a melhor compreensão do tema proposto.

Bicudo (2008) entende que:

a interdisciplinaridade é um modo de proceder, de pesquisar. Em si, não é uma ontologia e também não é uma epistemologia. Ao contrário, ela repousa sobre concepções ontológicas e epistemológicas específicas. Em sua origem, está pautada na lógica da disciplina, operando de maneira a interconectá-las (BICUDO, 2008, p.145).

Por isso, se recorre à metodologia interdisciplinar quando o tema é suficientemente abrangente, cujas abordagens não cabem nos limites de uma única disciplina. Buscar relações entre diferentes abordagens científicas propiciará um vasto conhecimento sobre a realidade que a pesquisa se propõe estudar.

A interdisciplinaridade deste trabalho alcançará também a bioepistemologia como método. Nas palavras de Malomalo (2017):

A fim de compreender esses elementos na produção da ciência, venho trabalhando com a noção da bioepistemologia, uma ideia que significa que, ao olhar pela cultura africana, toda ciência é feita a partir, mediante e para o Ntu, a Vida em suas diversas manifestações (MALOMALO, 2017, p. 21).

A partir desse ponto de vista, a bioepistemologia consiste em valorizar a experiência de vida pessoal e coletiva no processo da construção do conhecimento. E neste caso, será considerada como ferramenta para entender e analisar as escrituras dos/as estudantes africanos e afro-brasileiros da UNILAB. Essas escrituras devem ser entendidas, portanto, como o registro da corporeidade, da oralidade, das vivências individuais e coletivas dos/as estudantes colaboradores na pesquisa, que se caracterizem em formas de resistências negras, partindo dos aspectos que caracterizam o quilombismo.

6.1.1 Pesquisa bibliográfica

Como parte importante da pesquisa teórica, a pesquisa bibliográfica consiste numa excelente técnica para fornecimento do conteúdo teórico, de conhecimento, e o treinamento científico que habilitarão na produção deste trabalho. Segundo Gil (1996), a pesquisa bibliográfica se amplia a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos.

Nesse sentido, esta pesquisa pretenderá realizar um levantamento bibliográfico de material científico já existente que analise a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); sobre Quilombismo, segundo o pensamento de Abdias do Nascimento; e sobre Escrivência, segundo o pensamento de Conceição Evaristo, para então analisá-los e aplicá-los ao contexto da UNILAB e seus/suas estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as.

6.1.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental, não muito distante da pesquisa bibliográfica, é realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. De acordo com Gil (1996), enquanto a pesquisa bibliográfica se constitui por materiais publicados encontrados em bibliotecas, por exemplo, a pesquisa documental se constitui de fontes mais dispersas, a partir de dados obtidos por documentos como jornais, fotografias, revistas, cartas.

Por isso, para a construção das escrituras dos/as estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as, no plano individual e/ou coletivo, que apontem para aspectos quilombistas, a pesquisa pretenderá o resgate de memórias dos/as colaboradores/as por meio de fotografias, publicações em grupos de redes sociais (*facebook*, *instagram*), documentos oficiais, ou não, com propósitos de articulações coletivas e/ou políticas.

De igual modo, se buscará documentos elaborados por docentes africanos e afro-brasileiros, como planos de aula, projetos de pesquisa e de extensão, que também possam apontar o uso da filosofia quilombista, ou que possam promovê-la entre os discentes negros/as africanos/as e brasileiros/as dentro da UNILAB.

6.1.3 Pesquisa de campo

Como parte importante para o delineamento das escrituras dos/as estudantes africanos e afro-brasileiros da UNILAB, se utilizará da pesquisa de campo. Na busca de uma aproximação com a realidade, a pesquisa de campo permite uma maior compreensão do tema da pesquisa no campo pretendido. Utilizando-se da ótica de pesquisa de campo na Psicologia Social, Malomalo (2010) explica que:

[o] termo “**pesquisa de campo**” é normalmente empregado na Psicologia Social para descrever um tipo de pesquisa feito nos lugares da vida cotidiana e fora do laboratório ou da sala de entrevista. Nesta ótica, o pesquisador ou pesquisadora vai ao campo para coletar dados que serão depois analisados utilizando uma variedade de métodos tanto para a coleta quanto para a análise (MALOMALO, 2010, p. 68).

Assim, a pesquisa de campo será realizada na UNILAB, nos campi Liberdade e Malês; e os sujeitos desta pesquisa serão estudantes e professores/as africanos/as

e afro-brasileiros/as, considerando uma diversidade de gênero e nacionalidade entre os/as participantes que aceitarem por livre consentimento colaborarem com a pesquisa. A princípio um número de 10 estudantes e 6 professores/as.

Para a coleta dos dados da pesquisa de campo, se fará a realização de grupos focais como técnica de investigação da pesquisa qualitativa. Segundo Gondim (2003) os grupos focais consistem numa técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.

Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (GONDIM, 2003. p. 151).

Desse modo, se pretende realizar esta técnica com os/as estudantes africanos/as e afro-brasileiros/as, a fim de ouvir e coletar informações, histórias, projetos, articulações e vivências, de forma geral, que possam apontar para a concretização de aspectos da filosofia quilombista.

Serão elaboradas também entrevistas semiestruturadas. Segundo Minayo (1994), o uso da técnica de entrevista objetiva a coleta e construção de informações relacionadas a pesquisa. A entrevista semiestruturada, por sua vez, “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Portanto, as entrevistas semiestruturadas serão enviadas para os/as docentes e discentes africanos/as e afro-brasileiros/as da UNILAB por meio eletrônico (e-mail), ou questionário impresso, no intuito de que escrevam, de forma livre e pessoal, sobre suas experiências. Essas entrevistas serão importantes para o englobamento de informações mais aprofundadas sobre as vivências quilombistas e trajetórias de resistências negras, individuais e/ou coletivas, dos/as referidos/as estudantes.

6.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Após a coleta dos dados, requerer-se-á a análise e interpretação dos mesmos. Embora análise e interpretação sejam termos conceitualmente distintos, estão estreitamente ligados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa interdisciplinar: uma possibilidade de construção do trabalho científico/acadêmico. **Educação Matemática Pesquisa**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.137-150, 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.289**, de 20 de julho de 2010. Brasília, 2010.
- CABRAL, Jacqueline Ribeiro. Escrevivências na C.I. In: PIMENTA, Ricardo. **Informação, Memória e Sociedade**. 2018. Disponível em: <<http://www.memoriaesociedade.ibict.br/escrevivencias-na-c-i/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- CRUZ, Rosangela A. C. Gênero e educação nas escrevivências de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória. In: **Anais do V Simpósio Internacional em Educação Sexual**, Maringá, 2017. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3142.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (Org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.
- _____. Escrevivências da Afro-brasilidade: História e Memória. In: **Releitura**, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, nov. 2008.
- _____. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. Universidade Federal Fluminense – UFF, p. 1-11, (s.d).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 1996.
- _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso- Afrobrasileira (UNILAB). **Revista Lusófona de Educação**, São Paulo, v. 24, p.81-95, 2013.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 12, p.149-161, 2003.
- LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. Períodos e Motivações da Internacionalização da Educação Superior Brasileira. In: **5ème colloque de l'IFBAE** – Grenoble, 18 et 19 mai 2009.

MALOMALO, Bas'ilele. A integração Brasil-África: uso e sentido da cooperação solidária nos discursos de Luiz Inácio Lula da Silva. In: FREITAS, Raquel Coelho de; MACHADO SEGUNDO, Hugo de Brito (Orgs.). **Democracia, equidade e cidadania**. Curitiba: CRV, 2015. p. 70-91.

_____. ESTUDOS AFRICANA OU NOVOS ESTUDOS AFRICANOS: Um campo em processo de consolidação desde a diáspora africana no Brasil. **Capoeira**, v. 3, n. 2, p.16-50, 2017.

_____. **Repensar o Multiculturalismo e o Desenvolvimento no Brasil: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009)**. 2010. 482 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Unesp, Araraquara, 2010.

MALOMALO, Bas'ilele; LOURAU, Julie; SOUZA, Osmaria Rosa. A UNILAB na Perspectiva da Cooperação SUL-SUL: uma análise crítica decolonial africana. Cadernos do CEAS: **Revista Crítica De Humanidades**, [s.l.], n. 245, p.517-552, 5 dez. 2018. Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.25247/2447-861x.2018.n245.p496-531>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. Cap. 9. p. 197-218. Sankofa 4: Matrizes Africanas da Cultura Brasileira.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 117-124.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, Incompletude do Sujeito. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli et al. **Sujeito e Texto**. São Paulo: EDUC PUC, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 5 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.

ROSSATO, Ricardo. **Universidade: nove séculos de história**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social.** *Psicologia Política*, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

SOUZA, Osmaria Rosa; MALOMALO, Bas'ilele. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, p.256-293, abr. 2016.

SPELLER, Paulo. **A Universidade dos Países de Língua Portuguesa – Unilab.** Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/speller.pdf>>. Acessado em: 13 dez. 2018.

SUBUHANA, Carlos; IMPANTA, Iadira Antonio. Cooperação Solidária: A presença de estudantes da África Lusófona no Brasil. In: 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2016, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: UFPB, 2016. Disponível em: <<http://evento.abant.org.br/rba/30rba/?id=45>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

TEIXEIRA, Enise Barth. A Análise de Dados na Pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 2, n. 1, p.177-201, jul. 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ULLRICH, Danielle Regina; MARTINS, Bibiana Volkmer; CARRION, Rosinha Machado. **A Cooperação Sul-Sul como Estratégia de Política Externa Brasileira:** análise dos governos Lula e Dilma. In: XXXVII Encontro do ANPAD, Rio de Janeiro, 7 a 11 de setembro de 2013.

UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Diretoria de Registro e Controle Acadêmico. **UNILAB em números.** Redenção, 2019. Disponível em:< <http://www.unilab.edu.br/dadosquantitativos/>>. Acesso: 7 mar. 2019.

_____. **Diretrizes Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira**, jul. 2010. Disponível em: http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf. Acesso em: 3 dez. 2018.